

A NUDEZ DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: POR UMA NOVA ESTÉTICA ANTINORMATIVA

EL DESNUDO ANTINORMATIVO DE LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD: POR UNA NUEVA ESTÉTICA

THE ANTINORMATIVE NUDITY OF THE DISABLED PERSON: FOR A NEW AESTHETIC

Recebido em: 21/11/20

Aceito em: 31/12/2020

Fábio Abreu dos Passos¹

Resumo: Em qualquer sociedade, o corpo sempre esteve preso por poderes que lhe impõem limitações e proibições. Contudo, na contemporaneidade avolumaram-se os aparatos de esquadrinhamento do corpo, que têm por objetivo desarticulá-lo e o recompô-lo a partir de normas estabelecidas. A partir dessa maquinaria, constrói-se uma compreensão binária da corporeidade humana: de um lado, os sadios, os belos, os normais e os eficientes; do outro, os doentes, os feios, os anormais e os deficientes. Esse binarismo edifica uma estrutura hierárquica na qual aqueles que estão no primeiro grupo devem controlar os que estão no segundo, destruindo o “eu” ao dizer quem ele é e o que ele não deve ser. Diante desse cenário, é proeminente que construamos um ambiente no qual seja possível a formação de cidadãos livres, que sejam artistas de si mesmos, que façam de suas vidas obras de arte e construam sua própria significação de corpo em suas várias facetas, inclusive da nudez. Esse artigo pretende refletir acerca da nudez antinormativa da pessoa com deficiência, procurando responder às seguintes problemáticas: O que é um corpo? Quais as implicações de se possuir um corpo anormal? A pessoa com deficiência possui um corpo que carrega em si uma estética?

Palavras-Chaves: Corpo; Esquadrinhamento; Cidadão Livre; Arte; Nudez; Pessoa com Deficiência.

Resumen: En cualquier sociedad, el cuerpo siempre ha estado atrapado por poderes que lo imponen limitaciones y prohibiciones. Sin embargo, en la actualidad se han multiplicado los dispositivos para escanear el cuerpo, que pretenden desmantelarlo y recomponerlo en base a normas establecidas. A partir de esta maquinaria se construye una comprensión binaria de la corporalidad humana: por un lado, lo sano, lo bello, lo normal y los eficientes; por otro, los enfermos, los feos, los anormales y los discapacitados. Este binarismo construye una estructura jerárquica en la cual los del primer grupo deben controlar a los del segundo, destruyendo el “yo” al decir quién es y qué no debería ser. Ante este escenario, se destaca la necesidad de que construyamos un entorno en el que sea posible formar ciudadanos libres, que sean artistas de sí mismos, que hagan de su vida obras de arte y construyan su propio

¹ Doutor em Filosofia. Professor/Investigador do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: fabiopassos@ufpi.edu.br

significado del cuerpo en sus diversas facetas, incluida la desnudez. Este artículo pretende reflexionar acerca de la desnudez antinormativa de las personas con discapacidad, buscando dar respuesta a los siguientes problemas: ¿Qué es un cuerpo? ¿Cuáles son las implicaciones de tener un cuerpo anormal? ¿Tiene la persona discapacitada un cuerpo con estética?

Palabras-clave: Cuerpo; Exploración; Ciudadano libre; Arte; Desnudez; Persona

Abstract: In any society, the body has always been trapped by powers that impose limitations and prohibitions. However, in contemporary times the devices for scanning the body have swelled, which aim to dismantle and recompose it based on established norms. From this machinery, a binary understanding of human corporeality is built: on the one hand, the healthy, the beautiful, the normal and the efficient; on the other, the sick, the ugly, the abnormal and the disabled. This binarism builds a hierarchical structure in which those in the first group must control those in the second, destroying the “me” by saying who it is and what it shouldn't be. Given this scenario, it is prominent that we build an environment in which it is possible to form free citizens, who are artists of themselves, who make their lives works of art and build their own meaning of the body in its various facets, including nudity. . This article intends to reflect on the anti-normative nudity of people with disabilities, seeking to answer the following problems: What is a body? What are the implications of having an abnormal body? Does the disabled person have a body that carries an aesthetic?

Keywords: Body; Scan; Free Citizen; Art; Nudity; Person with Disabilities.

Corpo Abjeto

*Eu não sou a Norma
Sou o que a Norma não deseja enxergar
Por anos, tentaram me esconder*

*Para os normóticos,
A dança do meu corpo é expressão de incapacidade*

*Como um imperativo
Vivo, exponho vísceras,
Promovo espantos*

*Estranho, não sou eu
Com o meu corpo, minha constituição
Mas os teus desafetos,
Que insistem em permanecer
Na jaula da Norma, que perdeu vigência.*

Elivanda de Oliveira

INTRODUÇÃO

Uma das temáticas a partir das quais estão envoltas as nossas pesquisas² e, como desdobramento, os nossos trabalhos artísticos, é a questão do corpo não normativo que, gradativamente, vem ganhando um recorte preciso, uma vez que temos trabalhado com a nudez das pessoas com deficiência. Isso se deve ao fato desse tema possuir uma singular relevância, tendo em vista que sou paraplégico (cadeirante) e percebo, com nitidez, a cotidiana invisibilidade dos corpos não hegemônicos das pessoas com deficiência, ocasionada pela ausência de acessibilidade ambiental, comunicacional e atitudinal, que mitiga os direitos desses corpos que são relegados à abjeção, pois são condicionados pela escuridão da não materialidade, uma vez que, aos olhos das normatividades sociais, são feios e trazem em seu cerne concepções de doença e incapacidade.

Com base na produção poética, permeada pelas reflexões filosóficas, pretendemos desenvolver uma prática-reflexiva que parta do fenômeno dos corpos não hegemônicos das pessoas com deficiências, buscando uma estética do corpo não normativo. Para Hannah Arendt, “A fonte imediata da obra de arte é a capacidade humana de pensar”. Essa assertiva servirá de fio condutor a partir do qual levaremos a cabo o objetivo da nossa pesquisa, a saber, pensar o “lugar” dos corpos das pessoas com deficiências nas artes visuais.

Trata-se de uma pesquisa artográfica, de natureza qualitativa. Assim, procuraremos abranger as práticas dos artistas/autores/pesquisadores como uma pesquisa viva, “um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (IRWIN; DIAS, 2013, p. 28), impregnando nossa pesquisa com as vivências de pessoas com deficiência.

A dimensão teórica da artografia será desenvolvida mediante uma investigação bibliográfica a partir das fontes que constam em nossas referências. Priorizaremos a análise dos textos das obras de Judith Butler, Hannah Arendt, Giorgio Agamben e Michel Foucault, considerando também a crescente produção de estudos sobre outros aspectos das obras dos autores, além de recorrermos aos estudiosos clássicos de suas respectivas obras. Esta investigação envolve, portanto, uma análise imanente do tema na obra dos autores elencados. Além desses autores, lançaremos mão de textos de teóricos das artes visuais que

² Este artigo é fruto de pesquisas em andamento, em nível de Pós-Doutorado em Artes Visuais, realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a supervisão do Doutor em Arquitetura e Urbanismo Robson Xavier da Costa, Professor/Investigador do Departamento de Artes Visuais e dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) e em Computação, Comunicação e Artes (PPGCCA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

se debruçam sobre o tema da corporeidade, especificamente da corporeidade antinormativa.

Nossa pesquisa, no âmbito teórico, explicitará, a partir das obras de Judith Butler, Hannah Arendt, Giorgio Agamben e, fundamentalmente, Michel Foucault, os impactos do controle e da domesticação dos corpos na construção de subjetividades. Posteriormente, analisaremos a compreensão foucaultiana da “estética da existência”, no intuito de compreendermos de que modo é possível construir novas imagens para além das técnicas de poder e de dominação.

Acerca da dimensão da poética, realizaremos uma produção artística a partir da reificação de corpos nus de pessoas com deficiência a partir do desenho no campo ampliado.

O ESQUADRINHAMENTO DOS CORPOS

Segundo Peter Pál Pelbart, em *Vida Capital*, em toda e qualquer sociedade, independentemente da temporalidade e espacialidade, poderes rígidos e orquestrados incidem sobre os corpos, impondo-lhes limitações, proibições e obrigações (2009, p.42). Contudo, é sobretudo na modernidade e contemporaneidade que os dispositivos de controle buscam, com mais rigor, esquadrihar o corpo por meio dos padrões estéticos estabelecidos pela cultura dominante, seguindo normas e padrões sociais, excluindo aqueles que não se adequam. Ieda Tucherman, em *Breve História Sobre o Corpo*, nos adverte que:

Cabe sempre lembrar que imagens ideais do corpo humano levam sempre à repressão mútua e à insensibilidade, especialmente entre os que estão fora do padrão. “Em uma sociedade ou “ordem política” que enaltece genericamente “o corpo” corre-se o risco de negar as necessidades dos que não se adequam a este paradigma³ (TUCHERMAN, 2012, p. 29).

Giorgio Agamben, em *Nudez*, realizou uma reflexão sobre a nudez humana a partir das noções teológicas do pecado original de Adão e Eva. Assim, antes da queda, mesmo sem estarem vestidos, Adão e Eva não estavam nus, mas estavam cobertos como uma veste de glória. A nudez humana somente se presentifica na história teológica da humanidade após o pecado original.

É nessa perspectiva que a nudez, segundo Agamben, é sempre desnudamento e, assim, no interior de nossas sociedades ocidentais, que são alicerçados por uma cultura judaico-

³ Para Butler “A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia” (BUTLER, 2002, p.157).

cristã, nós nunca somos capazes de estamos completamente nus. A nudez deve ser compreendida como outra veste, como se nós, ao nos desnudarmos, “vestíssemos” a nossa nudez, pois essa traz uma carga tão grade de imposições e limitações que não somos capazes de nos despir completamente.

Embora carreguemos sobre nossos corpos esse fardo, é necessário desarticular os processos de controle social, buscando libertar os corpos do adestramento e da disciplina imposta. É necessário repensar os corpos nas suas diversas dimensões e perceber aberturas que propiciem o desacorrentar-se e o desvencilhar-se das amarras do adestramento.

A nudez que os primeiros homens viram no Paraíso quando seus olhos se abriram é a abertura da verdade, da ilatência (*a-letheia*, “não ocultação”) que por si mesma torna possível o conhecimento [...] Ver um corpo nu significa perceber a sua pura cognoscibilidade para além de qualquer segredo, para além ou aquém de seus predicados objetivos (AGAMBEN, 2015, p. 118).

Para os propósitos deste artigo, acreditamos na urgência de libertar a nudez das disciplinares assinaturas teológicas, sociais, culturais, econômicas, colonizadoras, heteronormativas e, para isso, é preciso desativar os dispositivos de controle, no intuito de dar visibilidade para corpos não hegemônicos, antinormativos, corpos de pessoas com deficiências.

Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, nos alertou que o poder disciplinar tem como premissa fabricar sujeitos, adestrar seus corpos por meio de dispositivos de controle, entre os quais a vigilância. Assim, o domínio sobre o corpo se dá fundamentalmente por meio da vigilância, que é ao mesmo tempo uma peça importante no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar.

Mas o que vem a ser o poder que nos disciplina e nos subjetiva? Para Foucault o poder não é uma “coisa” que uns têm em detrimento de outros que são privados dele.⁴ O poder, ao contrário, “[...] deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia” em rede e, “[...] nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição se ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo” (FOUCAULT, 2005, p. 35). Contudo, para o autor, só há relações de poder onde o indivíduo possa escapar dessa tentativa de direcionar suas condutas, o que, em outras

⁴ “[...] o poder não é concebido como uma essência com identidade única, nem é um bem que uns possuem em detrimento dos outros. O poder é sempre plural e relacional, exercendo-se em práticas heterógenas e sujeitas a transformações no interior de instituições sociais determinadas. O poder se dá em conjunto de relações e práticas sociais constituídas historicamente, que atuam por meio de dispositivos estratégicos dos quais ninguém escapa, pois não há região da vida social que esteja isenta de seus mecanismos” (DUARTE, 2010, p. 212).

palavras, significa que o poder só pode ser exercido onde as possibilidades de resistência estiverem sempre em latência, uma vez que a liberdade é pré-condição para o exercício do poder: “[...] toda relação de poder implica [...] pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta” (FOUCAULT, 1995, p. 248).

Não há, portanto, relação de poder sem pontos de insubmissão, de dissidências. Embora existam resiliências e enfrentamentos, sempre haverá novos mecanismos de poder, novas respostas a cada contraofensiva, investimentos “[...] que não têm mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’” (FOUCAULT, 2016, p. 236).

Esses dispositivos acrescentados às tecnologias políticas do corpo, levadas a cabo pela biopolítica, procuram gerir a vida, no sentido de proporcionar uma melhor utilização dos corpos. O que se tem, portanto é o cruzamento das normas disciplinares com a regulação⁵.

Em *Os Anormais*, Michel Foucault nos alertou que o campo da anomalia vai se encontrar atravessado pelo problema da sexualidade e, portanto, do corpo (2010, p.143). Para haver uma seleção eficiente entre os normais e os anormais, obriga-se a revelar a sexualidade por meio do poder de revelação forçada. É nessa linha argumentativa que Foucault, no Prefácio intitulado “O verdadeiro sexo”, contido na obra *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*, afirmou que nas anotações de Barbin há uma revelação de alguém que tem para si mesmo um sexo incerto e essa incerteza, evocada do seu passado, aparece como um tempo feliz, de uma não identidade, ou seja, de uma capacidade de não ter que revelar qual seu gênero e, assim, ser quem de fato é (1982, p.06).

Percebemos que há, nas reflexões foucaultianas, uma preocupação em construir uma genealogia dos sujeitos modernos, no intuito de responder à pergunta “de onde nós viemos?” Seguindo as trilhas reflexivas abertas por Foucault, podemos inferir que nós somos subjetivados a partir de construções históricas e culturais que, entre outras prerrogativas, procuram nos encaixar em determinados grupos sociais binários: homem x mulher;

⁵ “É assim que assistimos à associação entre o poder disciplinar e a ‘tecnologia política do corpo’. Esta constitui um saber do corpo, que não sendo a ciência do seu funcionamento, fala de um controle de suas forças e da capacidade de dobrá-las. É o agente que deve gerir a vida dos homens, no sentido da maior e melhor utilização dos corpos e mentes pela sociedade. O ideal, neste poder, é ‘fazer viver e deixar morrer’. Mesmo com a entrada do bio-poder, o poder disciplinar não desaparece. Ao contrário, complementarmente, ele se desvia para outro nível. O grande exemplo é o caso da medicina: se anteriormente ela se voltava para a vigilância e o controle da vida sexual dos indivíduos, na biopolítica seus objetivos são a fertilidade e a procriação de uma população. O elemento que circula no indivíduo, como na sociedade é a norma, sendo a nossa sociedade a da normalização: uma sociedade onde se cruzam a norma da disciplina e a da regulação” (TUCHERMAN, 2012, p.72).

heterossexual x homossexual; normal x anormal; belo x feio. São modos de adestramento que incidem sobre o corpo.

Há pontos de fuga diante desse cenário de subjetivação? Nos últimos cursos ministrados por Foucault no Collège de France, há indicações de como podemos não ser escravos dos outros, tampouco de nós mesmos. É uma arte, um reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder, que Foucault denominará de “Estética da existência”.⁶

A estética da existência compreende práticas da liberdade que possibilitam aos sujeitos aproximar a vida da arte. Na obra *O governo de si e dos outros*, Foucault afirmou que o cuidado implica na necessidade de se ter um guia, um conselheiro que nos diga a verdade. Estamos, assim, diante do falar franco, da *parresía*, da coragem de dizer a verdade.

A *parresía* está inserida nas técnicas de governamentalidade⁷ e da constituição da autorrelação. “O dizer-a-verdade do outro, como elemento essencial do governo que ele exerce sobre nós, é uma das condições essenciais para que possamos formar a relação adequada conosco mesmos, que nos proporcionará a virtude e felicidade” (FOUCAULT, 2010, p.44). A *parresía*:

[...] é portanto uma certa maneira de falar. Mais precisamente, é uma maneira de dizer a verdade [...] é uma maneira de dizer a verdade tal que abrimos para nós mesmos um risco pelo próprio fato de dizer a verdade [...] a *parresía* é uma maneira de abrir esse risco vinculado ao dizer-a-verdade constituindo-nos de certo modo como parceiros de nós mesmos quando falamos, vinculando-nos ao enunciado da verdade e vinculando-nos à enunciação da verdade. Enfim, a *parresía* é uma maneira de se vincular a si mesmo no enunciado da verdade, de vincular livremente a si mesmo e na forma de um ato corajoso (FOUCAULT, 2010, p. 63 e 64).

Esse ato corajoso que não somente tem efeitos sobre a quem se dirige a fala, mas também sobre aquele que está proferindo-a de forma verdadeira, constitui-se em uma

⁶ “Por estética da existência, há que se entender uma maneira de viver em que o valor moral não provém da conformidade com um código de comportamento, nem com um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita (HS2, 103). A estética da existência é uma arte, reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder (HS2, 277). A problemática da liberdade, entendida como não escravidão, encontra-se no coração dessa ética: não ser escravo dos outros, não ser escravo de si mesmo ou em termos positivos, governo dos outros e governo de si mesmo” (CASTRO, 2016, p.150 e 151).

⁷ “A análise da governamentalidade abarca, então, em um sentido muito amplo, o exame do que Foucault denomina as artes de governar. Essas artes incluem, em sua máxima extensão, o estudo do governo de si (ética), o governo dos outros (as formas políticas da governamentalidade) e as relações entre o governo de si e o governo dos outros” (CASTRO, 2016, p.191).

reflexividade prática, uma maneira de se relacionar consigo mesmo, para se construir, para se elaborar⁸, que é denominada por Foucault de cuidado de si.

Nas reflexões acerca do cuidado de si, Foucault faz um giro argumentativo e revive as filosofias dos estoicos e epicuristas como Marco Aurélio, Catão e Sêneca no intuito de construir um arcabouço teórico que servisse como prática de liberdade, uma direção espiritual, que não é reativa, que não “reage” aos jogos de poder infligidos sobre o indivíduo, mas é ativa, toma posição. Para Sílvio Gallo, há uma profunda distinção entre o fato de que todo exercício do poder implica resistência e, do outro, que a ética do cuidado de si implica na produção de práticas de liberdade.

Assim, se a análise do governo dos outros, dos jogos de poder, implicava a possibilidade de uma tomada de posição que podemos denominar *reativa*, as proposições em torno de um governo de si mesmo permitem tomadas de posição que podemos denominar como *ativas*. É o que Foucault chama de “prática de liberdade” (GALLO, 2013, p. 386).

Essas tomadas de posição ativa levariam o sujeito a lidar com as múltiplas formas corporais, por intermédio do relacionamento com suas próprias existências. Para tanto, é preciso sair da lógica perversa social e culturalmente imposta pelos corpos normativos: as “prateleiras” superiores, as mais elevadas, estão reservadas para os corpos que importam. Os demais corpos têm com destino as “prateleiras” inferiores, as dos corpos “abjetos”. Estes últimos são compreendidos por Butler como corpos não inteligíveis, que não têm uma existência legítima, acarretando uma impossibilidade de se materializarem. Mas quais seriam os corpos “abjetos”?

Poderia enumerar muitos exemplos do que considero ser a abjeção dos corpos. Podemos notá-la, por exemplo, na matança de refugiados libaneses: o modo pelo qual aqueles corpos, aquelas vidas, não são entendidos como vidas. Podem ser contados, geralmente causam revolta, mas não há especificidade. Posso verificar isso na imprensa alemã quando refugiados turcos são mortos ou mutilados [...] Assim, recebemos uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano [...] Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real (BUTLER, 2002, p.162).

⁸ “O que significa dizer que a ‘subjetividade’ nele [Foucault] não remete evidentemente nem a uma substância nem a uma determinação transcendental, mas a uma reflexividade que se poderia chamar de prática: uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para se elaborar” (GROS, In: RAGO; VEIGA-NETO, 2013, p.128)

Entre os exemplos elencados por Judith Butler, podemos acrescentar as pessoas com deficiências, às quais tem sido negada a possibilidade de terem seus corpos visíveis. Seus corpos não se tornam reais, ou seja, não são considerados “objetos” merecedores de atenção por parte de um espectador. Seus corpos, quando são tencionados como reais, são denominados de “deficientes”, falhos, que faltam algo... mas o quê? A normalidade?

No intuito de subverter a lógica imposta sobre os corpos não normativos, a marca do “abjeto”⁹, é preciso construir um corpo desviante, ou seja, aquele que não se submeta aos ideais normativos. Necessário se faz, pois, constituir novas performatividades, que permitam movimentos e aberturas dos corpos em sua pura existencialidade.

Segundo Roberta Letícia Pereira Marques e Rosa Maria Berardo, “[...] o indivíduo, ao transgredir as regras sociais, confirma sua existência, pois ‘a humanidade resulta de movimentos de horror seguidos de atração, aos quais se ligam a sensibilidade e a inteligência’” (MARQUES; BERARDO, 2013, p. 546). A resignificação dos corpos, a partir da poética artística, permite proposições contemporâneas dos corpos com deficiências, como enfrentamento ao termo “abjeção”. “A arte contemporânea contribui para a subversão dos códigos e categorias identitárias e apresenta novos modos de produção de conhecimento que são articulados de maneira interdisciplinar. Torna-se um espaço de compartilhamento e desenvolvimento de pulsões” (SILVA; BLANCA, 2018, p. 18). Essa subversão e esse desenvolvimento de pulsões são vislumbrados em trabalhos de artistas visuais como Daniel Moraes, Adriana Maria dos Santos e Rafael Monteiro que, por meio de suas poéticas artísticas, apresentam novas possibilidades de resignificar corpos não hegemônicos, corpos deficientes, corpos monstruosos e corpos *queers*.

IMAGEM 01 – MÃO-FENÔMENO

⁹ “[...] o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2002, p.161).



Fonte: <https://www.instagram.com/danielmoraesss/>, 2020.

IMAGEM 02 – SEM TÍTULO



Fonte: <https://www.instagram.com/ateliemonstro/>, 2020.

IMAGEM 03 – O NASCIMENTO DAS TUPINIQUINS– AMAPÔ



Fonte: <https://www.instagram.com/rafaelmmartes/>, 2020.

Vê-se a própria presença de pessoas com deficiências como questionadora e desestabilizadora dos padrões normativos impostos. Apresentar os corpos das pessoas com deficiências tem como premissa desestabilizar os padrões estabelecidos, trazendo para visibilidade uma presença “que interpela e afeta os sentidos e os corpos dos espectadores, desestabilizando uma separação rígida entre o padrão de corpo “normal”, e os corpos atípicos, considerados como outros, estimulando uma reflexão sobre as asperezas das interações entre corpos com deficiências, tecnologia e cultura” (GILBERT; KELLERMAN, 2020, p. 28).

A presença do corpo da pessoa com deficiência, que interpela, questiona e afeta os sentidos, que problematiza esteticamente os padrões acerca da compreensão do corpo “normal” e belo, tem sido reificada por meio da produção de imagens.

IMAGEM 04 – ARCHEIN



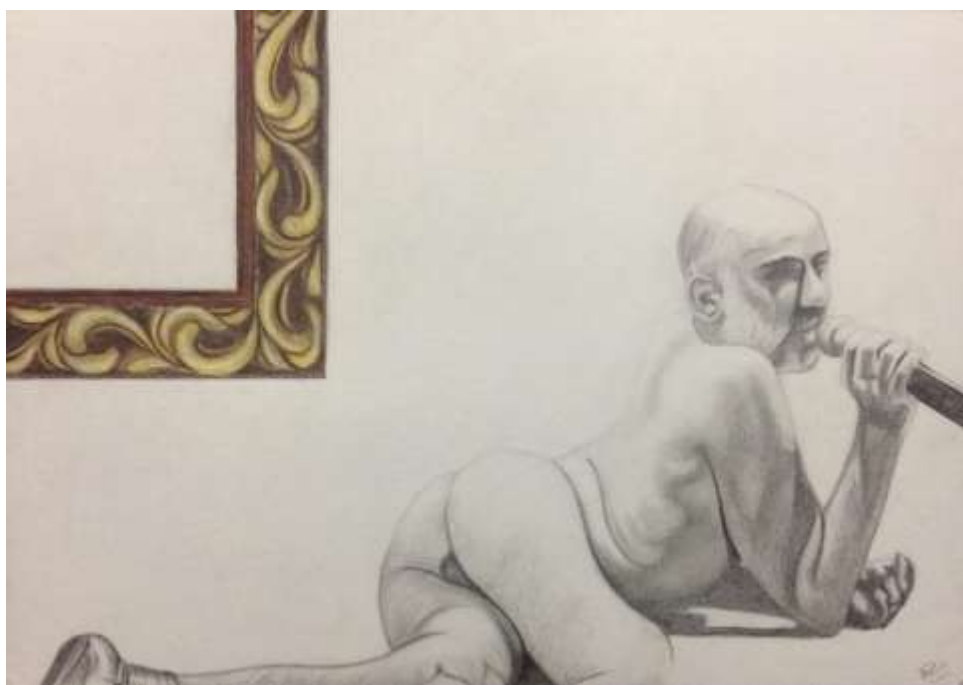
Fonte: <https://fabiopassos.com/>, 2020.

IMAGEM 05 – O NASCIMENTO DA REBELDIA



Fonte: <https://fabiopassos.com/>, 2020.

IMAGEM 06 - CANTANDO A NOVA ESTÉTICA



Fonte: <https://fabiopassos.com/>, 2020.

IMAGEM 07 – AUTORRETRATO (2020).



Fonte: <https://fabiopassos.com/>, 2020.

IMAGEM 08 – ABJETO II (2020).



Fonte: <https://fabiopassos.com/>, 2020.

IMAGEM 09 – EME



Fonte: <https://fabiopassos.com/>, 2020.

Essas composições buscam demonstrar que a arte deve ser questionadora e desestabilizadora dos padrões normativos. Contudo, para que isso seja levado a cabo, faz-se necessário que ela rompa com os grilhões da indústria cultural, que coopta a arte e a transforma em mais um objeto de consumo, produzido em suas esteiras de montagem em série. Para Hannah Arendt, a ameaça à cultura, implementada na modernidade e contemporaneidade, encontra-se, fundamentalmente, na indústria do entretenimento, que se arroga o direito de produzir produtos culturais em um processo que se assemelha ao metabolismo humano com o seu corpo: cíclico e eterno. Esse processo, para a autora, ultrapassou os limites da esfera privada e se espalhou como um fungo sobre toda a tessitura das relações sociais, também implementou sua marca na cultura.

Para Arendt, a arte se enquadra entre os objetos inúteis, mas que conferem a possibilidade sem a qual o mundo não poderia ser um lar confiável para os seres humanos.

Percebemos que, para que a arte seja capaz de constituir-se em um veículo de questionamento, que desperta os sujeitos do torpor que os embriaga e os faz vagar pelas

grandes metrópoles como “mortos vivos”, é urgente soltá-la das amarras que a aprisionam em uma lógica mercadológica, fazendo com que não seja rebaixada a mero objeto de embelezamento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. Revisão e Apresentação Adriano Correia. 11^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. (Entrevista). PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. **Estudos Feministas**. Ano 10, 2002, p.155-167.
- CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault: Filosofia & Política**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- DUARTE, André. **Vidas em Rico: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Trad. de Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. Ed. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- FOUCAULT, Michel. Sujeito e Poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **O Governo de si e dos outros: cursos do Collège de France (1982-1983)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: cursos do Collège de France (1974-1975)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. 42. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GILBERT, Ana Cristina Bohrer; KELLERMAN, Paulo. Geografias corporais: dança, corpo e deficiência. **Interface** (Botucatu). 2020; p.1-28.
- IRWIN, L. Rita; DIAS, Belidson (Org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/ografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

MONTEIRO, Rafael. **O Nascimento das Tupiniquins – Amapô**. Disponível em: <https://www.instagram.com/rafaelmmartes/>. Acesso em 14 Set. 2020.

MORAES, Daniel. **Mão-fenômeno**. Disponível em: <https://www.instagram.com/danielmoraesss/>. Acesso em 14 Set. 2020.

MARQUES, Fernando M. Corpo, gênero e sexualidade nas artes visuais. **Exedra** Revista Científica ESEC, 2014, p. 65-72.

MARQUES, Roberta Letícia Pereira. **Corpo deseducado: Gênero, performance e política do corpo em poéticas visuais**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2014.

MARQUES, Roberta Letícia Pereira; BERARDO, Rosa Maria. Corpo monstro: estratégias de deseducação do corpo feminino a partir de uma poética visual. **Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual Goiânia**: UFG, FAV, 2013, p. 539-549.

PASSOS, Fábio. **A nudez antinormativa**. Disponível em: <https://fabiopassos.com/>. Acesso em 14 Set. 2020.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SANTOS, Adriana. **Sem título**. Disponível em: <https://www.instagram.com/ateliemonstro/>. Acesso em 14 Set. 2020.

SILVA, William da; BLANCA, Rosa. Nudez masculina: homoerotismo e artes visuais no Rio Grande do Sul. **Revista Seminário de História da Arte**. VOLUME 01, Nº 07, 2018, p. 1-21.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Portugal: Vega, 2012.